

BOLETIM E

boletim informativo do ime usp

produção dos estudantes do ime usp em greve | outubro. 2023

Mês-versário da greve

Relembre, dia a dia, os acontecimentos da quarta semana de greve dos estudantes do IME.

página 2

Resposta ao texto “O ponto de vista de um BCC sobre anti-greve e voto online”

Resposta ao texto “O ponto de vista de um BCC sobre anti-greve e voto online” publicado na edição passada do BoletIME da Greve.

página 3

Comentário pelo fim da greve

Breve comentário em ode ao fim da greve.

página 4

Sobre tempo de prova no IME

Pensamentos sobre a expectativa e realidade ao se fazer avaliações nas matérias do IME.

página 4

Que Fazer?, Capítulo II (excerto)

Excerto do livro Que Fazer?, de Vladimir Lênin, sobre a espontaneidade e as greves.

página 5

VISÃO GERAL DA USP CAPITAL

EM GREVE

IME, PSICO, LETRAS, SOCIAIS, GEOGRAFIA, HISTÓRIA, FILOSOFIA, ECA, EACH, FAUD

JÁ SAÍRAM DA GREVE

POLI, FEA, ODONTO, SANFRAN, IF, IAG, PEDAGO, IRI, IGC, IO CIÊNCIAS MOLECULARES, ICB, FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA, FOFITO, IQ, ENF, BIO, VET, FARMA, EEFE

INTERIORES

NENHUM EM GREVE OU PARALISADO

Campus de Pirassununga*
 Campus de Piracicaba*
 Campus de Bauru*
 Campus de Ribeirão Preto
 Campus de São Carlos
 Campus de Lorena

*nem chegaram a aderir à greve e/ou paralisar alguma atividade

O BoletIME da greve quer ouvir você! escreva para a gente através do formulário:



Mês-versário da greve

12 - 15/10, quinta a domingo

Feriadão prolongado. Grevistas do IME aproveitaram o momento para dar gás na redação das demandas de cada grupo de trabalho.

Do calendário geral da USP, havia se votado de não ter nenhuma atividade durante o feriado.

16/10, segunda

Ato saindo de 3 pontos da USP, unificando na Reitoria, e seguindo em direção à secretaria de ciência e tecnologia do Estado - passa pela Poli e sai no P2. O ato foi esvaziado.

No IME, a falta de pessoas para ajudar no piquete acarretou em uma professora conseguiu dar aula para 4 alunos da graduação no bloco A.

O GT pela reforma do curso de Licenciatura em Matemática obteve sucesso nas negociações. Uma próxima reunião ficou marcada para o dia 04/12 para dar ao início às discussões sobre a grade curricular e afins.

Houve assembleia do IME. Segue os resultados:

CONTINUIDADE DA GREVE

- A favor: 85
- Contra: 66
- Abstenções: 16

CONTINUIDADE DO PIQUETE

- A favor: 88
- Contra: 61
- Abstenções: 19

18/10, quarta

Assembleia Geral da USP no Biênio da Poli. Aprovado a continuidade da greve: 385 votos a favor vs 215 votos contra. A próxima assembleia foi marcada para quinta (26/10) em frente à Reitoria. Ainda foi aprovado o seguinte calendário:

Domingo - bloco para o ato em defesa da palestina, na Praça Oswald Cruz

Segunda - ato em inauguração de um restaurante que aparentemente o Reitor estará presente (sem mais info)

Terça - a definir pelo comando de greve geral

Quarta - ato des estudantes da USP até o Largo da Batata



ASSEMBLEIA GERAL DA USP CAPITAL

26/10 (QUINTA)

18H30MIN

REITORIA

PAUTA: CONTINUIDADE DA GREVE

Resposta ao texto “O ponto de vista de um BCC sobre anti-greve e voto online”

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

Crítica sobre discursos compartilhados. Não me refiro ao BoletIME e ao Comando de Greve diretamente, mas sim a última carta postada no BoletIME número 3 “ O ponto de vista de um BCC sobre anti-greve e voto online”. Sei que a carta não necessariamente condiz com o posicionamento dos grevistas, mas considero o fato de um discurso como esse ter surgido preocupante.

Por um lado, o autor se diz capaz de entender e acompanhar a situação de modo online, por outro, diz que aqueles desinteressados na greve não devem ter poder de influenciar o movimento. Esse discurso é perigoso visto que essa luta é do IME (e da USP) como um todo. O simples fato de ser estudante e frequentar a universidade já te dá o direito de opinar e influenciar as condições em que a universidade opera.

Dito isso, um alune que: estuda e frequenta a USP e tem acesso as informações e reivindicações sobre a greve, principalmente na exposição de fatores que comprovam o estado crítico do ambiente estudantil, e ESCOLHE não acompanhar o movimento, isso por si só já é um posicionamento. Um posicionamento que traduz a aprovação do estado atual (ou “status quo”). Por mais triste que esse posicionamento seja, ele deve ser ouvido e ter direito a voto, uma vez que a greve impacta diretamente sua vida na universidade e direito aos estudos.

Limitar o voto com o discurso de que “não estão informados” ou “não têm interesse sobre a greve” é limitar e viesar a votação trazendo menos credibilidade para ela. A não informação e desinteresse, por mais triste que sejam, é sim um posicionamento e devem ser levados em consideração.

Discursos que, dessa forma, apoiam um vies na votação são muito perigosos e diminuem a credibilidade e validade da greve, situação que acho incoerente visto o trabalho e empenho do comando da greve em representar e expressar os interesses dos alunes.

É sim primordial que os alunes se mantenham informados e exercitem o pensamento crítico, a greve têm colhido bons frutos e os esforços de todos os cursos têm se mostrado relevantes para o andamento das negociações. Porém, é preciso cuidado para não tomar um posicionamento extremista que, por mais nobres que possam ser as preocupações, lesem os direitos dos estudantes.

Acredito no raciocínio e reflexão dos alunes do instituto e espero que boas decisões sejam tomadas. Porém, se a maioria for de fato apenas “desinteressada”, essa é infelizmente a realidade do nosso instituto e tal opinião deve ser respeitada. Lutar pelo direito ao posicionamento contrário é lutar pelo direito ao nosso próprio posicionamento.

Assim, mesmo que a discussão já tenha passado, expresso meu apoio ao voto online para maior engajamento dos imeanes na greve. Acredito que tal posicionamento e contraponto no discurso da carta antes citada é importante para o debate sobre as condições e agentes que operam a greve.

Agradeço ao BoletIME pelo incentivo à escrita e reflexão dos estudantes e espero que a greve dure o tempo necessário para garantir um melhor ambiente de estudo para todes.

ASSEMBLEIA DES ESTUDANTES IME USP

10H E 19H – 23/10 SEGUNDA

SAGUÃO DO BLOCO B

PAUTA: CONTINUIDADE DA GREVE

Comentário pelo fim da greve

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

Acho que os esforços dados pela universidade tem sido importantes e rápidas, acho já que é hora de dar fim ao greve. As consequências serão para os alunos. A universidade não tem sido alheia aos questionamentos dos alunos tem propostas e bondade de melhorar. Fim da greve.

Sobre tempo de prova no IME

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

por Matt

Não é surpresa para nenhum estudante do IME que as provas frequentemente se estendam por 3 horas, e às vezes até 4 ou 5 horas. Eu mesmo já tive o desprazer de encarar algumas provas de 3 horas e até uma de 5 horas.

Embora esse tempo excedente seja nos apresentado como "tempo extra", na maioria dos casos é verdadeiramente necessário um grande acréscimo ao horário de aula para concluí-las. No entanto, essa prática não pode ser considerada normal e, mais importante, não é saudável. E, além disso, vai além do tempo estipulado para as aulas.

Sempre tento dialogar com os professores sobre esse tema, mas infelizmente, nunca fui ouvido. Fui confrontado com respostas que variam de "você está mal-acostumado" a "não há como cobrir esse conteúdo em apenas 1h40".

Francamente, é sério, não é possível pensar em uma alternativa avaliativa para uma prova de 3 horas? E convenhamos, a duração das provas do IME está longe de ser o maior problema na questão da cobrança avaliativa.



ATO EM DEFESA DA PALESTINA

11H

PRAÇA OSWALD CRUZ

MESTRE, DOUTORA

E PÓS-DOUTORA

EM PIQUETE

PELA USP

Que Fazer?, Capítulo II (excerto)

Vladimir Lenin,
fevereiro de 1902

A espontaneidade das massas e a consciência da social-democracia

Dissemos que é preciso inspirar ao nosso movimento, muito mais vasto e profundo do que o da década de 70, a mesma decisão abnegada e a mesma energia que naquela época. Com efeito, parece que até agora ninguém ainda duvidara de que a força do movimento contemporâneo consistisse no despertar das massas (e principalmente do proletariado industrial), e a sua debilidade na falta de consciência e de espírito de iniciativa dos dirigentes revolucionários.

Contudo, nestes últimos tempos foi feita uma descoberta espantosa que ameaça subverter todas as ideias até agora dominantes sobre este ponto. Esta descoberta foi feita pela R. Dielo, que, polemizando com o Iskra e a Zariá, não se limitou a objeções particulares, mas tentou reduzir o desacordo geral à sua raiz mais profunda (...). A Rabótcheie Dielo acusa-nos de subestimar a *“importância do elemento objetivo ou espontâneo do desenvolvimento”*. (...)

Por isso mesmo, a questão das relações entre o consciente e o espontâneo apresenta um imenso interesse geral e é preciso analisá-la com todo o pormenor.

No capítulo anterior sublinhamos a atração geral da juventude instruída russa pela teoria do marxismo em meados dos anos 90. Também as greves operárias adquiriram, por aquela época, depois da famosa guerra industrial de 1896, em Petersburgo, um carácter geral. A sua extensão por toda a Rússia testemunhava claramente como era profundo o movimento popular que tornava a renascer, e já que falamos do elemento espontâneo é certamente este movimento grevista que deve ser considerado, em primeiro lugar, como espontâneo. Mas há espontaneidade e espontaneidade. Também houve greves na Rússia durante as décadas de 70 e de 60 (e até na primeira metade do século XIX), greves acompanhadas da destruição espontânea de máquinas, etc. Comparadas com estes motins, as greves da década de 90 poderiam mesmo ser qualificadas de conscientes, tal foi o progresso do

movimento operário durante aquele período. Isto mostramos que, no fundo, o elemento espontâneo não é mais do que a forma embrionária do consciente. E os motins primitivos refletiam já um certo despertar do consciente. Os operários perdiam a fé tradicional na inamovibilidade do regime que os oprimia; começavam... não direi a compreender, mas a sentir a necessidade de uma resistência coletiva e rompiam resolutamente com a submissão servil às autoridades. Mas isto, contudo, era mais uma manifestação de desespero e de vingança do que uma luta. As greves dos anos 90 oferecem-nos muitos mais clarões de consciência: formulam-se reivindicações precisas, calcula-se antecipadamente o momento mais favorável, discutem-se os casos e exemplos de outras localidades, etc. Se os motins eram simplesmente a revolta de oprimidos, as greves sistemáticas representavam já embriões - mas nada mais do que embriões - da luta de classes. (...) Neste sentido, as greves dos anos 90, apesar do imenso progresso que representavam em relação aos motins, continuavam a ser um movimento nitidamente espontâneo.

Dissemos que os operários nem sequer podiam ter consciência social-democrata. Esta só podia ser introduzida de fora. A história de todos os países testemunha que a classe operária, exclusivamente com as suas próprias forças, só é capaz de desenvolver uma consciência trade-unionista, quer dizer, a convicção de que é necessário agrupar-se em sindicatos, lutar contra os patrões, exigir do governo estas ou aquelas leis necessárias aos operários, etc. Por seu lado, a doutrina do socialismo nasceu de teorias filosóficas, históricas e económicas elaboradas por representantes instruídos das classes possidentes, por intelectuais. Os próprios fundadores do socialismo científico moderno, Marx e Engels, pertenciam, pela sua situação social, à intelectualidade burguesa. Da mesma maneira, na Rússia, a doutrina teórica da social-democracia surgiu de uma forma completamente independente do ascenso espontâneo do movimento operário; surgiu como resultado natural e inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas. Na época em que estamos a falar, isto é, em meados dos anos 90, esta doutrina não só constituía já um programa completamente formado do grupo Emancipação do Trabalho, como tinha conquistado a maioria da juventude revolucionária da Rússia.

Assim, existiam, ao mesmo tempo, o despertar espontâneo das massas operárias, despertar para a vida consciente e para a luta consciente, e uma juventude revolucionária que, armada com a teoria social-democrata, se orientava com todas as suas forças para os operários. Além disso, importa sobretudo deixar bem assente o fato, frequentemente esquecido (e relativamente pouco conhecido), de que os primeiros sociais-democratas deste período, ocupando-se com ardor da agitação econômica (...) redigiram, já em fins de 1895, o primeiro número de um jornal intitulado Rabótcheie Dielo. (...) O editorial deste jornal esboçava os objetivos históricos da classe operária da Rússia, pondo em primeiro plano a conquista da liberdade política. (...) Assim, este primeiro ensaio, se não nos enganamos, dos sociais-democratas russos da década de 90, não era um jornal de caráter estritamente local e ainda menos de caráter economista; visava unir a luta grevista ao movimento revolucionário contra a autocracia e levar todas as vítimas da opressão política do obscurantismo reacionário a apoiar a social-democracia. E quem quer que conheça, por pouco que seja, o estado do movimento nessa época, não poderá duvidar que um tal jornal teria sido acolhido com plena simpatia tanto pelos operários da capital como pelos intelectuais revolucionários e teria tido a mais vasta difusão. O fracasso deste empreendimento provou simplesmente que os sociais-democratas de então não estavam em condições de satisfazer as exigências vitais do momento por falta de experiência revolucionária e de preparação prática. A falta de preparação da maioria dos revolucionários, sendo um fenômeno perfeitamente natural, não podia provocar qualquer apreensão particular. A partir do momento em que as tarefas eram definidas corretamente, a partir do momento em que havia energia suficiente para repetidas tentativas para realizar estas tarefas, os reveses temporários eram apenas meio mal. A experiência revolucionária e a capacidade de organização são coisas que se adquirem. A única coisa que é precisa é querer desenvolver em si as qualidades necessárias! A única coisa que é precisa é ter consciência dos seus defeitos, o que, no trabalho revolucionário, é já mais de meio caminho para os corrigir!

Detalhe: Social-democracia é o que conhecemos hoje como comunismo; portanto, social-democrata é o comunista.

Diante deste momento de terremoto social que a USP inteira se encontra, é de extrema importância que os estudantes possam se unir para contar as nossas histórias, o nosso cotidiano, as nossas demandas e dificuldades. Juntos vamos escrever e construir o BoletIME da greve!



Notas finais

Após um mês de greve, observamos um racha entre o corpo discente grevista, separando aqueles que clamam por uma “radicalização” do movimento na reta final daqueles que clamam pelo balanço e reavaliação do rumo da luta. Ambos lados não são coesos, e se tem evidenciado as nuances dos diferentes interesses internos ao movimento estudantil.

Ao mesmo tempo, observamos perdurar o debate do início: podemos fazer greve ou não? Assembleia é legítima ou não? Piquete é autoritário ou não?

Assim, gostaríamos de saber qual a visão do leitor acerca da conjuntura atual. Qual seu balanço da greve? Como a greve impactou na sua vida? Como, mais um mês de greve, impactaria a sua vida?